

Fundos, opção para os pequenos

por Mara Luquet
de São Paulo

Os fundos de conversão, fundos de investimentos — aplicam em ações nas bolsas — que operam apenas com recursos obtidos por meio dos leilões de conversão de dívida externa brasileira captaram até agora US\$ 11 milhões.

Embora pequeno, esse volume não preocupa as corretoras, que apostam neles e garantem que são a melhor opção para os credores menores do País.

Elas têm outro motivo para mostrar otimismo: a rentabilidade real das carteiras no último mês de agosto. "Os bancos credores não estão acostumados a ser investidores e o fundo é uma boa opção porque, sem precisar montar um escritório de representação no Brasil, o investidor tem quem administre os fundos para ele", comenta Geraldo José Carbone, diretor de desenvolvimento e análise da corretora Guilder.

Carbone explica que basicamente os fundos de

conversão servem aos credores que não têm tamanho para gerenciar a conversão do crédito deles em investimento no País mas querem sair da posição de credor. "No caso de um grande credor, ele pode ser cliente do fundo para diversificar sua carteira, portanto investirá quantias pequenas", observa Carbone.

"A credibilidade nos fundos de conversão vai aumentando na proporção em que aumenta a expectativa de se estabilizar a economia brasileira", comenta o

administrador dos fundos da corretora Multiplic, Waldemar Camargo Filho.

Apesar de ter iniciado suas operações só no dia 8 do último mês de junho, a Multiplic vem apresentando os melhores resultados dentre os fundos de conversão. Em agosto a rentabilidade real da carteira da Multiplic foi de 15,93%, superior à segunda colocada, o Brazil Conversion Fund, administrado pela Bozano e que registrou uma rentabilidade de 8,75%.

"Nos 27 primeiros dias

de setembro nossa rentabilidade foi de 51%", conta entusiasmado o corretor da Multiplic. No mês de julho, um período ruim para as bolsas de valores, a Multiplic obteve uma rentabilidade real negativa de 1,65%, considerada excelente se comparada aos outros resultados. "Foi uma estratégia da corretora que só começou a entrar na bolsa no dia 31 de julho. Até então estávamos concentrados em renda fixa", diz Camargo Filho.

Atualmente, como conta o administrador, a carteira do fundo de conversão da Multiplic possui 90% em ações e 10% em renda fixa. O fundo hoje possui doze papéis. Segundo Camargo Filho, no início da operação o fundo tinha dez. As principais posições da carteira, como conta o administrador, são as ações da Belgomineira, Copene, Parapanema, Suzano, Ferro Ligas, Unipar, Banco do Brasil e Metalúrgica Barbará.

"Não estamos procurando rentabilidade mês a mês, mas sim a longo prazo. Nossa carteira procura buscar rentabilidade lá na frente, por isso fazemos uma análise setorial", diz o diretor de desenvolvimento e análise da Guilder. Carbone explica, no entanto, que a corretora aproveita os movimentos de retorno a curto prazo.

Carbone qualifica de razoável a rentabilidade da carteira do fundo de conversão da Guilder e acredita que no ano a rentabilidade real chegará a 20%. Nas últimas movimentações da carteira, Carbone diz que vendeu ações da Cacique e da Eluma e comprou mais ações de Parapanema, Souza Cruz, Mesbla, Recrusul e Weg.

Atualmente a Guilder, que é associada ao banco holandês Nederlandsche M i d d e n s t a n d s b a n k (NMB), mantém corretores na Europa atuando na captação de clientes para direcionar recursos não só ao fundo de conversão, como também ao fundo de dinheiro novo.

"O principal problema destes fundos é que no Brasil o mercado de ações é bastante incipiente. Em 1987 a bolsa desabou, em 1988 ela explode, em junho os resultados são bons, em julho, péssimos e em agosto voltam a ser bons", exemplifica Carbone.

O diretor da Guilder diz que o importante é mostrar aos investidores que o fundo de conversão é um produto de 12 anos, tempo determinado pelo Banco Central para permanência no País dos recursos obtidos no leilão de conversão. "A longo prazo nós vemos uma tendência de crescimento no mercado de capitais", diz Carbone.

Mostrar que o País é viável a longo prazo também é a estratégia adotada pelo maior credor do Brasil, o Citibank, para atrair investidores para o seu fundo de conversão. Apesar de contar com a aprovação da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) para criar o fundo desde fevereiro, o Citi só em agosto começou a buscar clientes para o produto, conforme disse o diretor de mercado de capitais do banco, Jougi Kawasaki.

"Definimos a estratégia em agosto, mas só agora vamos captar recursos para o fundo de conversão, pois estávamos esperando a assinatura do acordo de renegociação da dívida externa brasileira".